

REFLEXOS DO AMBIENTE PARA A SAÚDE HUMANA

É difícil acreditar que, em pleno século XXI, com toda a tecnologia disponível, as doenças infecciosas decorrentes da falta de higiene ainda liderem as estatísticas em nível global. A principal causa desse fator de risco consiste em hábitos higiênicos deficientes, devidos à carência de conhecimento (informação) associada à dificuldade de acesso aos serviços de saneamento para o segmento da população que vive desde a zona rural até a periferia dos grandes centros urbanos e industriais.

Epidemias persistentes, como a dengue, são exemplos da falta de articulação entre as diversas esferas governamentais e a consciência da sociedade no sentido de mudar hábitos em relação ao descarte de lixo e à higiene nos domicílios e entornos, para assim contribuir com a vigilância ambiental.

A malária e a doença de Chagas também refletem a destruição dos ecossistemas naturais e dos respectivos vetores, que, ao serem expulsos das florestas, voam para os povoados em busca de um novo habitat.

Doenças respiratórias decorrentes da poluição atmosférica, das inadequadas condições habitacionais e laborais e das mudanças ambientais globais, traduzem os modos de vida individuais e coletivos em relação ao entorno.

É espantosa a disseminação do HIV/aids em nossa sociedade. Apesar de toda a atuação dos profissionais da saúde e da mídia na divulgação das formas de contágio e de sua prevenção, persiste a falta da adoção de hábitos preventivos. As estatísticas mostram que o número de vítimas cresce independentemente da idade, sexo, nível de instrução e classe social.

Nossos jovens estão sem referencial, por falta de orientações e oportunidades. Enfrentam uma série de dificuldades, que crescem como uma bola de neve: ao abandonar os estudos, não adquirem qualificação profissional, e assim se lhes fecham as portas para o trabalho. No meio do caminho, os jovens são seduzidos pelas drogas como “solução” para seus problemas ou como meio de preencher o tempo livre, e a partir daí, apenas um passo os separa da entrada no mundo da violência e da criminalidade.

Esse percurso não escolhe classe social, a diferença está na forma como a sociedade trata os jovens de classes menos privilegiadas, os quais são taxados de marginais, enquanto os demais recebem um tratamento diferenciado. Geralmente este último grupo comete atrocidades, pois a sua arma não é branca ou de fogo, mas um veículo automotivo que destrói vidas.

Por seu turno, as adolescentes engravidam precocemente, apesar da informação disponível. Como seus corpos ainda não estão preparados, geralmente apresentam gestações de risco para o binômio mãe-filho, contribuindo para a elevação de afecções perinatais. Por outro lado, muitas dessas jovens precisam abandonar os estudos para cuidar do filho, e assim queimam etapas de sua juventude.

Antigamente, grande parte da mortalidade e da morbidade de jovens era atribuída às guerras, realidade que, aliás, ainda persiste em alguns países. No Brasil, essa dura realidade é motivada pela guerra fria liderada pelo narcotráfico e pelos confrontos entre policiais e bandidos, que acabam ferindo e matando também pessoas inocentes.

A violência também adentra as instituições de ensino, o comércio, a indústria, os serviços urbanos e rurais, provocando agravos à saúde e elevando as estatísticas de acidentes com traumatismos involuntários.

O trânsito é reflexo das ineficiências no planejamento urbano e da ordenação ambiental dos sistemas de transporte, assim como do estilo de vida adotado pelas pessoas. Apresenta como resultado final o aumento do número de vítimas, muitas vezes com sequelas irreversíveis ou morte.

Diante de toda a problemática exposta, pairam muitas dúvidas: e agora? O que pode e o que deve ser feito para reverter ou, pelo menos, amenizar esse panorama? A resposta a essa pergunta cabe a cada um dos que não pensam apenas no hoje, mas também no amanhã...

O que eu, você, o que *nós* faremos para melhorar a qualidade da nossa vida? Afinal, não basta simplesmente viver mais, é preciso viver mais com melhores condições de vida e num ambiente saudável.

Aqui fica um desafio para a enfermagem: incluir nas pesquisas os fatores de risco ambientais que atuam sobre a saúde individual e coletiva, a fim de prevenir ou minimizar os efeitos deletérios daqueles fatores sobre a saúde e a qualidade de vida do ser humano e dos ecossistemas.

Doris Marli Petry Paulo da Silva

*Doutora em Ciências Ambientais. Docente da graduação do Departamento de
Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá*

INFLUENCE OF THE ENVIRONMENT ON HUMAN HEALTH

It is difficult to believe that, in the middle of the XXI Century, with the available technology, infectious diseases caused by lack of hygiene still lead the statistics in a global level. The main cause of that risk factor consists of deficient hygienic habits, due to the lack of knowledge (information) associated to the difficulty of access to the services of sanitation for the segment of the population that lives from the rural area to the periphery of the great urban and industrial centers.

Persistent epidemics, such as Dengue are examples of the lack of articulation between the several government spheres and the conscience of the society in the sense of changing habits in relation to the garbage discard and to the hygiene in the homes and neighborhood, in order to contribute with the environmental surveillance.

Malaria and Chagas's disease also reflect the destruction of the natural ecosystems and respective vectors, which, after being expelled of the forests, they fly to towns in search of a new habitat.

Respiratory diseases resulting from the atmospheric pollution, from the inadequate habitational and working conditions, and from the global environmental changes, reflect the individual and collective life manners in relation to such neighborhood.

It is amazing the dissemination of HIV/aids in our society. In spite of all the work from the part of health professionals and of the media to make public the forms of contamination and its prevention, the lack of adoption of preventive habits still remains. The statistics show that the number of victims grows independently of the age, sex, instruction level and social class.

Our young people have no referential, due to scarce orientation and lack of opportunities. They face a series of difficulties, which grow as a snowball: when abandoning the studies they do not acquire professional qualification, and thus, the doors for the work are closed to them. In the middle of the road, they are seduced by the drugs as a "solution" for their problems or as means to fill out their free time. And, from then on, just a step separates them from the entrance in the world of violence and criminality.

Such path does not choose social class, the difference is in the way society treats young individuals from less privileged classes, who are rated as marginals, while the others receive a differentiated treatment. Usually this last group also commits atrocities. Their weapons are not guns or knives, but an automotive vehicle that destroys lives.

In turn, the adolescents get pregnant precociously, in spite of the available information. As their bodies are not still prepared, they usually present risk gestations for the binomial mother-son, contributing to the increase of perinatal infections. On the other hand, many of those youngsters need to abandon their studies to take care of a baby, and thus, skip a stage in their lives.

Not so long ago, great part of the mortality and of the youths' morbidity was attributed to the wars, a reality which, in fact, still persists in some countries. In Brazil, this cruel reality is motivated by the cold war led by the drug traffic and by the confrontations among policemen and thieves that end up hurting and sometimes killing innocent people.

Violence is also present in the teaching institutions, in the commerce, in the industry, and in the urban and rural services, provoking offences to the health and increasing the statistics of accidents with involuntary traumatism.

The traffic is a reflex of the inefficiencies in the urban planning and of the environmental ordination of the transport systems, as well as of the lifestyle adopted by the individuals. It presents, as final result, the increase on the number of victims, most of the times with irreversible sequels or death.

In face of the whole exposed problem, some doubts remain: and now? What is possible or should be done to revert or, at least, to soothe the problem? The answer to such question is in the hands of those who do not think only for today, but also for tomorrow...

What can I, can you, or can we do to improve the quality of our lives? After all, it is simply not enough to live longer, it is necessary to live longer with better quality of life, and in a healthy environment.

Here it is a challenge for the nursing: to include in the researches the environmental risk factors that act on the individual and collective health, in order to prevent or to minimize the harmful effects of such factors on the health and on the quality of life of the human race and of the ecosystems.

Doris Marli Petry Paulo da Silva

PhD in Environmental Science – Professor Nursing Dept. State University of Maringá

REFLEJOS DEL AMBIENTE PARA LA SALUD HUMANA

Es difícil creer que, en pleno siglo XXI, con toda la tecnología disponible, las enfermedades infecciosas decurrentes de la falta de higiene aún lideren las estadísticas en nivel global. La principal causa de ese factor de riesgo consiste en hábitos higiénicos deficientes, debidos a la carencia de conocimiento (información) asociada a la dificultad de acceso a los servicios de saneamiento para el segmento de la población que vive desde la zona rural hasta la periferia de los grandes centros urbanos e industriales.

Epidemias persistentes, como la dengue, son ejemplos de la falta de articulación entre las diversas esferas gubernamentales y la consciencia de la sociedad en el sentido de cambiar hábitos en relación al descarte de basura y a la higiene en los domicilios y entornos, para así contribuir con la vigilancia ambiental.

La malaria y la enfermedad de Chagas también reflejan la destrucción de los ecosistemas naturales y de los respectivos vectores, que, al ser expulsos de las florestas, vuelan para los pueblos en búsqueda de un nuevo hábitat.

Enfermedades respiratorias decurrentes de la polución atmosférica, de las inadecuadas condiciones habitacionales y laborales, y de los cambios ambientales globales, traducen los modos de vida individuales y colectivos en relación al entorno.

Es asombrosa la diseminación del VIH/SIDA en nuestra sociedad. A pesar de toda la actuación de los profesionales de la salud y de los medios en la divulgación de las formas de contagio y de su prevención, persiste la falta de la adopción de hábitos preventivos. Las estadísticas muestran que el número de víctimas crece independientemente de la edad, sexo, nivel de instrucción y clase social.

Nuestros jóvenes están sin referencial, por falta de orientaciones y oportunidades. Enfrentan una serie de dificultades, que crecen como una “bola de nieve”: al abandonar los estudios, no adquieren calificación profesional, y así se les cierran las puertas para el trabajo. En el medio del camino, los jóvenes son seducidos por las drogas como “solución” para sus problemas o como medio de rellenar el tiempo libre, y a partir de ahí, apenas un paso los separa de la entrada en el mundo de la violencia y de la criminalidad.

Ese recorrido no escoge clase social, la diferencia está en la forma cómo la sociedad trata a los jóvenes de clases menos privilegiadas, los cuales son llamados de marginales, mientras los demás reciben un tratamiento diferenciado. Generalmente este último grupo comete atrocidades, pues su arma no es blanca o de fuego, pero un vehículo automotor que destruye vidas.

Por su vez, las adolescentes embarazan precozmente, a pesar de la información disponible. Como sus cuerpos aún no están preparados, generalmente presentan gestaciones de riesgo para el binomio madre-hijo, contribuyendo para la elevación de afecciones perinatales. Por otro lado, muchas de esas jóvenes necesitan abandonar los estudios para cuidar del hijo, y así saltan etapas de su juventud.

Antiguamente, gran parte de la mortalidad y de la morbilidad de jóvenes era atribuida a las guerras, realidad que, a propósito, aún persiste en algunos países. En Brasil, esa dura realidad es motivada por la guerra fría liderada por el narcotráfico y por las confrontaciones entre policías y criminales, que acaban hiriendo y matando también personas inocentes.

La violencia también adentra las instituciones de enseñanza, el comercio, la industria, los servicios urbanos y rurales, provocando agravios a la salud y elevando las estadísticas de accidentes con traumatismos involuntarios.

El tránsito es reflejo de las ineficiencias en el planeamiento urbano y de la ordenación ambiental de los sistemas de transporte, así como del estilo de vida adoptado por las personas. Presenta como resultado final el aumento del número de víctimas, muchas veces con secuelas irreversibles o muerte.

Delante de toda la problemática expuesta, quedan muchas dudas: ¿y ahora? ¿qué puede y qué debe ser hecho para revertir o, por lo menos, amenizar ese panorama? La respuesta a esa pregunta cabe a cada uno de los que no piensan apenas en lo hoy, pero también en lo mañana...

¿Qué usted, yo, qué *nosotros* haremos para mejorar la calidad de nuestra vida? Al final, no basta simplemente vivir más, es necesario vivir más con mejores condiciones de vida y en un ambiente saludable.

Aquí queda un desafío para la enfermería: incluir en las investigaciones los factores de riesgo ambientales que actúan sobre la salud individual y colectiva, a fin de prevenir o minimizar los efectos perjudiciales de aquellos factores sobre la salud y la calidad de vida del ser humano y de los ecosistemas.

Doris Marli Petry Paulo da Silva

*Doctora en Ciencias Ambientales. Docente de la graduación del Departamento de
Enfermería de la Universidad Estadual de Maringá*